

A CRISE E OS SOCIALISTAS

por Mário Soares

Escrevo na qualidade de português, de ibérico e de europeu. Depois de longa reflexão e com claro sentido de responsabilidade.

A crise global que atravessamos é uma crise grave, só comparável à de 1929, mas para pior, que aliás está para durar e que teve o seu epicentro, como se sabe, na América do Norte. Mas dos Estados Unidos começam agora a chegar alguns sinais, ainda ténues, positivos, da luta contra a crise, no plano financeiro, mas com repercussões efectivas na economia real.

A União Europeia, pelo contrário, governada por figuras do passado, alguns, amigos próximos de Bush, não conseguiu, até agora, pôr-se de acordo quanto a um plano concertado para vencer a crise. Foi o que resultou, infelizmente, da reunião de Londres do G20, em 2 de Abril último. A maioria dos dirigentes europeus, tanto da Esquerda como da Direita, parece quererem apenas mudar o menos possível para que tudo fique na mesma...

Ora Barack Obama diz - e muito bem - que só podemos vencer a crise tomando medidas que as pessoas comuns compreendam, por irem ao encontro das suas necessidades e aspirações, o que implica mudanças sociais e ambientais profundas, a punição judicial dos culpados das grandes negociatas, isto é: iniciar uma nova era, nos comportamentos e nas acções que combatam a crise global.

O Partido Socialista Europeu percebeu isso e numa Declaração, assinada pelos 27 líderes europeus, indicaram 7 condições para vencer a crise. São elas (cito de cor): mais investimento, para salvar as pequenas e médias empresas à beira da falência; mais crédito para valer de imediato aos desempregados, que continuam a crescer; luta contra a pobreza; auxílio às famílias em dificuldades e também aos casais monoparentais, que estão a ficar asfixiados e que ficaram sem casas; auxílio aos socialmente excluídos, aos emigrantes e aos jovens à procura do primeiro emprego.

Por outro lado, é preciso acabar com os "paraísos fiscais", onde se têm escondido todas as roubalheiras, e contra o sigilo bancário, para que os administradores e os gestores das grandes empresas e os mais ricos - e aqueles que recebem - e continuam a receber - bónus exorbitantes, possam ser conhecidos e passe a haver verdadeira transparência em todas as transacções comerciais e especulativas suspeitas.

Como a crise é global e múltipla (alimentar, energética, ambiental, para além da especulação financeira, que tem vindo a afastar-se da economia real) é preciso que haja solidariedade entre os Estados e que se crie uma nova espécie de new deal global e que se reformem as instituições financeiras internacionais (obsoletas), para sair da crise.

Estas ideias simples foram expostas na Declaração do Partido Socialista Europeu (PSE), de 19 de Março e coincidem com as propostas que a Confederação Internacional dos Sindicatos, submeteu ao G20 e que vão no mesmo sentido. Repito que todos os líderes socialistas europeus subscreveram a Declaração do PSE, mas poucos a terão discutido no interior dos seus respectivos Partidos ou nas reuniões internacionais em que têm participado.

Isto é gravíssimo porque estamos a pouco mais de um mês das eleições para o Parlamento Europeu, que são decisivas para o futuro europeu. As políticas têm que mudar e os eleitores europeus têm que perceber isso claramente.

Ora as eleições europeias, até agora, têm suscitado uma grande indiferença nos cidadãos dos 27 países da União. Porque não lhes tem sido apresentadas propostas convincentes de que há uma vontade política consequente de mudança e eficaz para vencer a crise. Sendo assim, porque razão irão votar?

Do meu ponto de vista, só a Esquerda está em condições de resolver a crise e tem, como o PSE já demonstrou, propostas concretas e estruturadas para a resolver. Não é o caso, infelizmente, dos Partidos de Direita, sobretudo dos Partidos que abandonaram a Democracia Cristã e se converteram em Partidos Populares, na linha dos republicanos americanos e de Bush, em particular.

Sucede que o Partido Popular Europeu já designou o seu Candidato à Presidência da Comissão Europeia: o português José Manuel Durão Barroso, anfitrião de Bush na Cimeira dos Açores, donde resultou a luz verde para a invasão e a guerra do Iraque, invocando aliás falsas motivações.

No entanto, três líderes e chefes de Governo, um trabalhista e dois socialistas, por quem tenho, aliás, consideração, anunciaram que os seus Partidos estão dispostos a votar com o PPE para a eleição de Barroso.

Pergunto: como é possível? Por razões de política nacional, por entendimentos pessoais ou políticos? Quer dizer: As razões partidário-ideológicas não contam? É uma situação que representará uma espécie de suicídio do PSE, donde pode, provavelmente, resultar a perda das eleições europeias.

É uma opção que excede a minha capacidade de entendimento. E, como socialista, republicano e laico, com largas e antigas responsabilidades de governo, ex-deputado europeu e presidente honorário da Internacional Socialista, entendo dever deixar aqui o meu protesto e um alerta. Trata-se do futuro da União Europeia, de uma efectiva cooperação com os Estados Unidos, de Barack Obama, e de vencer a crise global, que está a atingir biliões de seres humanos indefesos. Tenhamos a coragem de ser socialistas coerentes europeístas e internacionalistas. Não deixemos morrer a esperança no socialismo democrático, recusando apresentar um candidato próprio do PSE. Existem e excelentes.

Lisboa, Abril de 2009